

# DISCURSOS SOBRE A DEMOCRACIA RACIAL EM CUBA E NO BRASIL: TRAMAS DE GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE NA LITERATURA (1933-1978)

DISCOURSES ON RACIAL DEMOCRACY IN CUBA AND BRAZIL: PLOTS OF GENDER, RACE AND  
SEXUALITY IN LITERATURE (1933-1978)

**Giselle Cristina dos Anjos Santos**

Doutoranda em História Social na Universidade de São Paulo (USP). Mestra em Estudos de Gênero e Teoria Feminista na Universidade Federal da Bahia (UFBA), na qual desenvolveu a dissertação “Mulheres negras em Cuba: representações sociais em tempos de crise (1992-2012)”; e bacharel em História pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP), onde desenvolveu a Pesquisa de Iniciação Científica “As mulheres no Estado socialista cubano (1959-1980)”.

## RESUMO

A partir de argumentos em defesa da existência de relações raciais harmônicas foram fundamentados os discursos sobre a identidade nacional em Cuba e no Brasil desde a primeira metade do século XX. Contudo, ao longo do tempo, emergiram muitas vozes denunciando que as desigualdades sociais existentes eram consequências diretas das hierarquias raciais, e que essas sociedades estariam muito distantes do alcance da igualdade nesse âmbito. Este artigo tem como objetivo discutir a construção dos discursos sobre a democracia racial na sociedade cubana e brasileira entre 1933 e 1978, relacionados especialmente com a figura das mulheres negras, por meio de produções literárias. Assim, para debater as representações de gênero, raça, sexualidade e mestiçagem presentes nas narrativas sobre democracia racial serão utilizadas duas obras: *Écue-Yamba-Ó* (1933), do escritor cubano Alejo Carpentier; e *Gabriela, cravo e canela* (1958), do brasileiro Jorge Amado.

**PALAVRAS-CHAVE:** democracia racial; interseccionalidade; Cuba; Brasil.

## ABSTRACT

Based on arguments in defense of the existence of harmonic racial relations, discourses on national identity have underpinned Cuban and Brazilian societies since the first half of the 20th century. However, over time, many voices have emerged denouncing existing social inequalities and insisting that they are direct consequences of racial hierarchies. As such, the societies are far away from an idea of equality in this regard. This communication aims to discuss the construction of social imaginaries around the racial democracy in Cuban and Brazilian society between 1933 and 1978, especially with regard to the figure of black women, through literary productions. Thus, to discuss the representations of gender, race and sexuality present in the discourses on racial democracy, two works will be used: *Écue-Yamba-Ó* (1933) by the Cuban writer Alejo Carpentier and *Gabriela, Clove and Cinnamon* (1958) by the Brazilian writer Jorge Amado.

**KEYWORDS:** racial democracy; intersectionality; Cuba; Brazil.

## Introdução

Este artigo tem como objetivo debater a construção de discursos sobre a democracia racial em Cuba e no Brasil, considerando os aspectos de gênero, raça e sexualidade envolvidos na constituição dessas narrativas, por meio da literatura. Para isso serão utilizadas como fontes as obras de Alejo Carpentier (1904-1980) e Jorge Amado (1912-2001), por meio dos livros *Écue-Yamba-Ó* (1933) e *Gabriela, cravo e canela* (1958), respectivamente. Além disso consideramos a discussão de outras produções de Amado e Carpentier, tais como ensaios, conferências e entrevistas.

Para a análise das fontes de pesquisa faremos uso das categorias teórico-analíticas de representação social, tais como os conceitos de gênero, raça, sexualidade e interseccionalidade.

Quanto à categoria de representações sociais, utilizamos a formulação do historiador Roger Chartier (1988), que a entende como figuras devido as quais o presente pode adquirir sentido, ao permitir ver uma coisa ausente.

Compreende-se aqui o termo discurso, dentro da acepção proposta pelo filósofo Michel Foucault (1999), como um arquivo de imagens que forjam uma linguagem comum, possibilitando representar sentidos e conhecimentos sobre um determinado tema. A respeito dos imaginários sociais, Baczkó (1985) defende que o manusear de símbolos por meio de elementos discursivos e empíricos é fundamental para a transformação de imaginários que legitimem o grupo em exercício no poder.

No que tange à discussão de gênero coadunamos com as considerações de Joan Scott (1995), a qual compreende que gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças que distinguem os sexos, instituindo-se como uma forma primária das relações significantes de poder. No âmbito da sexualidade, adotamos como referência as proposições de Foucault (2010), com o entendimento de que as práticas sexuais são socialmente construídas a partir de relações de poder, articuladas por mecanismos e dispositivos de saber-poder-prazer. Para o filósofo, a sexualidade não é dada naturalmente em relação ao corpo biológico, mas construída na cultura e pela cultura.

Já no que diz respeito à categoria raça, partilhamos da definição conceitual da antropóloga Verena Stolcke (1991), que não a compreende a partir de uma noção biológica, mas como um construto histórico-social que legitimou práticas de subordinação e violência contra diferentes grupos sociais. Assim, embora a raça não exista em termos biológicos, está presente no imaginário social por meio de classificações hierarquizadas de grupos e indivíduos.

Assim, para compreender como se estruturam e relacionam as diferentes dimensões da opressão de gênero, raça e sexualidade nos contextos estudados, utiliza-se como referência

o conceito de interseccionalidade proposto por Kimberlé Crenshaw. Segundo a autora, a categoria interseccional “busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (CRENSHAW, 2002, p. 177). Tal perspectiva demonstra-se relevante por desconstruir a conceituação aritmética da interação entre diferentes sistemas de desigualdades.

### Discursos sobre a democracia racial em Cuba e no Brasil: aspectos de gênero, raça e sexualidade

Existem muitas correlações entre a história de Cuba e do Brasil, sobretudo no âmbito das relações raciais. Entre elas pode-se citar que nos dois países o regime escravista perdurou por mais de 300 anos; Cuba e Brasil tiveram os sistemas escravistas mais importantes das Américas durante o século XIX, além disso foram os últimos países do continente a abolir a escravidão, que ocorreu somente em 1886 e 1888 respectivamente; nesses dois contextos houve um amplo debate público empreendido por intelectuais sobre qual seria o destino da população negra após a abolição; assim como em Cuba, no Brasil foram desenvolvidas políticas para a promoção da imigração europeia, com a finalidade de alcançar o branqueamento da população. Ademais, tanto em Cuba como no Brasil vigoraram regimes com caráter ditatorial e viés populista entre as décadas de 1930 e 1940; e a figura da mulata foi edificada como ícone da identidade nacional nos dois países durante o século XX (CUBAS, 2011; PINO, 2002). Para mencionar apenas algumas dentre as inúmeras proximidades entre os dois países no que concerne a sua história no campo racial.<sup>1</sup>

Ressalta-se que desde o final do século XIX e começo do XX existia um efervescente debate na América Latina e Caribe entre intelectuais preocupados em forjar uma ideia de nação homogênea para seus respectivos países (MARTÍNEZ-ECHAZÁBAL, 1996). Segundo Oliveira (2012), tanto no contexto cubano como no brasileiro o debate em questão estava pautado por uma concepção biológica, com base no discurso eugenista, que considerava como inferiores negros, indígenas e mestiços, a maioria da população nas duas sociedades. Isso fez com que muitos intelectuais, políticos e artistas considerassem a inviabilidade da sua constituição como nações efetivamente desenvolvidas.<sup>2</sup> Essas noções eram quase unânimes e estavam consolidadas no campo intelectual dos dois países, até as contribuições

<sup>1</sup> David Thelen (2009) defende que, uma vez que os fenômenos sociais extrapolam as fronteiras dos Estados-nações, seria fundamental a constituição de análises históricas com enfoque transnacional.

<sup>2</sup> Nesse cenário do final do século XIX e início do XX, entre os intelectuais que participaram ativamente do debate sobre o lugar social da população negra em Cuba e no Brasil, é possível destacar dentre os brasileiros: Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna, entre outros (MUNANGA, 2008). No contexto cubano, ressaltam-se os nomes de José Antonio Saco, Betancourt Cisneros e Francisco Arango y Parreño (DE LA FUENTE, 2001).

do sociólogo Gilberto Freyre, no Brasil, e do etnólogo Fernando Ortiz, em Cuba. Cada um em seu respectivo cenário, inovou ao afirmar que brancos, negros e indígenas contribuíram de maneira positiva para a formação da identidade cultural.

Freyre e Ortiz elaboraram trabalhos inovadores no campo das ciências sociais. Segundo Arroyo (2003) e Oliveira (2012) existem muitas similaridades nos conceitos e argumentos formulados pelos dois autores. Ademais, os discursos desses pensadores nas obras *Casa grande e senzala* (1933) e *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar* (1940) – Brasil e Cuba, respectivamente – foram utilizados para edificar a concepção hegemônica sobre as relações raciais e a identidade nacional, em seus países (OLIVEIRA, 2012). Os argumentos a respeito da mestiçagem racial e cultural presentes nessas obras foram utilizados de acordo com os interesses das elites dos dois países para afirmar a representação de sociedades harmônicas, nas quais haveria integração entre os diferentes grupos raciais (ARROYO, 2003; DE LA FUENTE, 2001, OLIVEIRA, 2012). Contudo, para o sociólogo Michael Hanchard (1995), esse discurso que afirmava a vigência da democracia racial visava instituir a concepção de uma identidade nacional homogênea, camuflando as desigualdades estruturais colocadas entre negros e brancos na distribuição e no acesso aos recursos.

A partir das pesquisas dos historiadores Alejandro De La Fuente (2001) e Petrônio Domingues (2005) é possível identificar proximidades entre a concepção que dá base ao discurso da identidade nacional em ambos os países, que é justamente a defesa da existência de relações harmônicas entre os diferentes grupos raciais.

O sociólogo Antônio Sérgio Guimarães (2001), ao traçar uma análise da construção e disseminação da expressão democracia racial no Brasil, ressalta a existência de diferentes leituras e significados vigentes a partir de meados do século XX, pautadas pelas noções de ideal, pacto e mito, utilizadas a depender dos interesses de seus interlocutores. Todavia, segundo o autor, a concepção mais adotada, seja com a finalidade de defesa ou de crítica, foi a democracia racial como mito, com base na ideia de um fenômeno já consolidado.

Apesar de ter sido uma expressão menos utilizada no contexto cubano, diversos autores – principalmente estrangeiros ou cubanos residindo no exterior – também analisaram os discursos sobre democracia racial em Cuba. De La Fuente (2001) afirma que no contexto de início da república a versão cubana da democracia racial teve duas implicações importantes: a primeira foi a concepção de que em Cuba não existia nenhum tipo de problema racial; e a segunda, foi a noção de que se persistia alguma assimetria racial os responsáveis seriam os próprios negros.

De acordo com Florestan Fernandes (1972) o argumento que alicerça o discurso da democracia racial no Brasil se encontra na grande incidência da mestiçagem entre a

população, uma particularidade importante desse cenário. Contudo esse fenômeno também é característico da ilha de Cuba (ORTIZ, 2002). Essa prática, que marca a história de ambos os países, se estabeleceu a partir da interação entre homens e mulheres de grupos raciais distintos por meio de relações sexuais, consentidas ou não, tendo como consequência a reprodução de filhos mestiços. Além da interação entre diferentes grupos demonstrou-se necessário considerar que a mestiçagem foi marcada por diversas hierarquias sociais nos âmbitos, especialmente, de gênero, classe, raça e sexualidade. Tal fenômeno conformou-se por meio da premissa de “miscigenação seletiva”, com o envolvimento de mulheres negras e indígenas e homens “brancos”, excluindo as mulheres brancas e os homens negros e indígenas. Desse modo, este não foi um fenômeno “natural”, tanto os marcadores de raça como os de gênero foram essenciais para a conformação desse processo.

O antropólogo Peter Wade (2013, p. 47) afirma que “El mestizaje está completamente permeado por el género, en el concepto y la práctica”. Uma vez que,

sus significados incluyen el intercambio cultural y la transmisión, el mestizaje está profundamente impregnado de nociones de reproducción sexual, genealogía, familia y parentesco, todas las cuales involucran ideas sobre las relaciones entre hombres y mujeres, en las cuales es central el sexo. (WADE, 2013, p. 47)

Ou seja, para Wade (2013) o processo de mestiçagem está intrinsecamente pautado por relações de gênero. Se para outros autores, como Fernandes (1972), a mestiçagem estaria na base dos argumentos que alicerçam os discursos sobre a democracia racial, seria possível afirmar, então, que, para além dos pressupostos raciais, o gênero também foi preponderante na constituição dos discursos sobre a democracia racial? E mais, qual teria sido o papel da mulher negra e mulata na construção dos discursos acerca da democracia racial?

Essas questões são pertinentes, pois o próprio Wade (2013) destaca que a interação entre a mestiçagem e o gênero foi reconhecida timidamente e ainda é pouco explorada nos estudos. E se o debate sobre esse fenômeno negligenciou a discussão de gênero, tal ausência nas análises dos discursos sobre a democracia racial fica ainda mais aparente. Poucos investigaram efetivamente a importância da articulação entre os marcadores de gênero, raça e sexualidade para a conformação dos discursos sobre a democracia racial e a identidade nacional no cenário latino-americano (WADE, 2013), e mais especificamente nos contextos cubano e brasileiro. Dessa maneira, trazer luz para esse debate a partir de um enfoque interseccional demonstra-se como uma potencial contribuição para a historiografia.

## Tramas de gênero, raça e sexualidade na literatura em Cuba e no Brasil

Foi intenso o debate intelectual ao longo do século XX sobre a construção da identidade nacional e as especificidades da dinâmica racial nas sociedades cubana e brasileira, influenciando a produção discursiva de diversos agentes sociais, como músicos, artistas, poetas e literatos. Ao abordar a condição deste último agente e as correlações entre a história e a literatura, Nicolau Sevcenko (2003) defende que as transformações sociais são registradas pela literatura, pois os fenômenos históricos se refletem “no campo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir” (SEVCENKO, 2003, p. 286).

Segundo a historiadora Sandra Pesavento (2008), as narrativas literárias expressam as percepções e inquietudes que mobilizam os agentes sociais de um determinado contexto histórico. Por esse motivo a literatura evidencia-se como fonte de análise privilegiada para a história, ao passo que a discussão sobre os autores e seu contexto pode trazer pistas sobre determinada época (PESAVENTO, 2008). Foi nesse sentido que elegemos os autores das obras literárias utilizadas como fontes de análise para esta pesquisa.

No tocante à trajetória desses escritores, destaca-se a respeito da vida e da obra de Carpentier que ele nasceu em 1904, mas não é clara se sua origem é cubana ou europeia,<sup>3</sup> embora racialmente seja branco. Ainda muito jovem participou de movimentos vanguardistas dos anos 1920, integrando o Grupo Minorista nesse período,<sup>4</sup> que teve grande influência do negrismo.<sup>5</sup> Sua obra foi reconhecida e premiada pelas recriações históricas, pela ênfase na cultura latino-americana, bem como pela referência à mitologia e à estética do “real maravilhoso”.<sup>6</sup> Morreu em 1980, em Paris, onde exercia a função de embaixador do governo revolucionário cubano desde 1966.

<sup>3</sup> Carpentier afirmava ter nascido em Havana, na capital cubana, e ser fruto do casamento entre uma pianista russa e um arquiteto francês, tendo estudado na França, Bélgica, Áustria e Rússia. Após sua morte surgiram indícios de que o autor teria nascido na Suíça, em uma família humilde que imigrou para Cuba, se instalando no povoado de Alquizar.

<sup>4</sup> Em 1920, começou a se reunir em Havana um grupo de jovens artistas e intelectuais de diferentes orientações político-ideológicas, mas que compartilhavam um forte sentimento anti-imperialista e a inconformidade com o cenário político. Esse coletivo de vanguarda intelectual passou a se denominar como Grupo Minorista. Devido às críticas ao governo do presidente Gerardo Machado, muitos integrantes foram alvo da repressão do Estado, vários foram presos ou se exilaram. Em 1928, houve a desintegração do grupo (UXÓ, 2010).

<sup>5</sup> O movimento literário sobre arte negra e africana difundido na Europa na década de 1920 inspirou e influenciou intelectuais caribenhos. Denominado como negrismo em Cuba, seu esplendor na ilha foi entre 1928 e 1937. Os principais expoentes no campo da poesia foram: Nicolas Guillén, J. Z. Tallet, Emilio Ballagas e Ramón Guirao. Carpentier se inspirou nesse movimento para realizar experimentações musicais e poemas de tema afro-cubano; por exemplo, em junho de 1932 apresentou o poema dramático “La pasión negra”, em Paris (ARÉVALOS, 2015).

<sup>6</sup> O real maravilhoso, na qualidade de sub-gênero literário criado por Carpentier (2002), não define divisões entre a realidade e o sobrenatural. Embora conectado à concretude da história da América, ao mesmo tempo essa vertente deu margens à transgressão da realidade. Assim, foi apresentada uma nova estética para as narrativas sobre o cenário latino-americano, já que o real maravilhoso considera a própria natureza do continente como surreal e fantástica.

*Écue-Yamba-Ó* foi o primeiro romance de Carpentier. Nitidamente marcado pelo movimento negrista, a versão inicial do livro foi redigida em 1927, enquanto o autor estava na prisão em Havana – devido à perseguição do governo de Machado. O livro foi reescrito em Paris e foi publicado pela primeira vez em Madri, em 1933. A obra narra a história de uma família negra e pobre que vive no campo. A personagem principal da trama é um homem negro, Menegildo Cué, que se envolve com a bela mulata Longina.

Posteriormente, Carpentier fez críticas ao seu primeiro romance, ao qual classificou como um livro marcado pelas “perplexidades e hesitações que um processo de aprendizado implica” (CARPENTIER, 1988, p. 6). Apesar da posição do autor, existem muitos aspectos relevantes nessa obra, que se configura como uma crônica socioeconômica e política da vida cubana do período (MIAMPIKA, 1997). Ademais, segundo Zurbano (2006), existe no livro “una valorización, hasta entonces inédita, del hombre negro cubano, su cultura y de una de sus religiones” (p. 113).

Já no âmbito da discussão sobre o Brasil, a respeito da vida e da obra de Jorge Amado, destaca-se que o autor nasceu em Itabuna, na Bahia, em 1912, e era filho de um fazendeiro de cacau. Embora fosse socialmente branco, ele se autotranspunha como mestiço (CALIXTO, 2011). Amado reuniu uma vasta obra e recebeu inúmeras premiações.

Segundo Calixto (2011), dessa extensa produção, *Gabriela, cravo e canela* (1958) e *Tenda dos milagres* (1969) são considerados fundamentais para compreender o processo de sacralização do autor e de sua narrativa ao patamar de ícone da brasilidade. Foi justamente a partir de *Gabriela* que Amado se consagrou – este seria seu livro mais conhecido, com sucesso de público e crítica imediatos; os vinte mil exemplares publicados esgotaram em duas semanas. Trata-se da obra mais traduzida do autor, disponível em 29 idiomas. Ademais, foi muito premiada, inclusive com o Prêmio Jabuti por ter sido a obra que gerou mais adaptações, com versões para cinema, televisão, fotonovela, dança e quadrinhos (CALIXTO, 2011). Ou seja, *Gabriela* teve grande repercussão no imaginário social brasileiro.

Em entrevista, Amado afirmou que ao construir *Gabriela*, protagonista da obra, buscou “criar uma mulher que fosse símbolo da mulher brasileira” (GOLDSTEIN, 2000, p. 163). Para cumprir tal representação, a personagem foi idealizada como mulata, sensual, alegre, simples, iletrada, solidária e trabalhadora. Contudo as análises demonstram interpretações divergentes acerca da imagem dessa personagem, passando de objeto sexual silenciado (JÚNIOR, 1982) à ícone da emancipação feminina (PUPO, 2009).

No que se refere à inserção dos dois autores no cenário intelectual de seus respectivos contextos, vale ressaltar que Carpentier tinha uma relação de amizade com Ortiz desde a década de 1920. O próprio Carpentier falou a respeito da influência do pensamento orticiano no princípio de sua carreira:

[...] con nosotros [con el Grupo Minorista] se reunía Fernando Ortiz. A él debimos mucho de nuestro interés por el folclor negro de Cuba. Había en ello un afán de recuperación de tradiciones despreciadas por toda una burguesía. Interesarse por el negro, en aquellos años, equivalía a adoptar una actitud inconformista, por tanto, revolucionaria. (CARPENTIER, 1972, p. 52 apud UXÓ, 2010, p. 165)

Podemos aferir daí o tamanho da influência de Ortiz na obra do literato. Tal inspiração foi importante a ponto de Carpentier se apropriar do conceito de transculturação,<sup>7</sup> concebido por Ortiz, fazendo referência a ele com frequência (ORTIZ, 1989). O interesse, no entanto, era mútuo: Ortiz também era conhecedor da produção de Carpentier. Por sinal, o livro *Écue-Yamba-Ó* foi elogiado por Ortiz, que o definiu como uma exceção na abordagem do folclore negro cubano (ORTIZ, 1989).

Todavia, para além dos paralelos com a visão presente na obra de Ortiz ao usar o conceito de transculturação,<sup>8</sup> a concepção de Carpentier sobre a mestiçagem assume características particulares, visto que além da noção positiva acerca da mestiçagem étnica e cultural, esse processo assume uma conotação pautada pela estética do real maravilhoso:

Este suelo americano fue teatro del más sensacional encuentro étnico que registran los anales de nuestro planeta: encuentro del indio, del negro, y del europeo de tez más o menos clara, destinados, en lo adelante, a mezclarse, entremezclarse, establecer simbiosis de culturas, de creencias, de artes populares, en el más tremendo mestizaje que haya podido contemplarse nunca. (CARPENTIER, 1976, p. 3 apud ORTIZ, 1989, p. 16)

Carpentier denomina a mestiçagem como “encontro sensacional”. Entretanto, para Gonzalez (1984) e Hanchard (1995), não é possível desconsiderar que tensões e violência marcaram esse processo de interação. Assim, se a visão romantizada da mestiçagem fosse a

<sup>7</sup> O conceito de transculturação proposto por Ortiz, em 1940, no livro *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*, já demonstrava suas bases fundamentais desde os trabalhos publicados em 1913. A concepção de trânsitos culturais é fundamental para a definição do conceito proposto pelo autor: “No hubo factores humanos más trascendentes para la cubanidad que esas continuas, radicales y contrastantes transmigraciones geográficas, económicas y sociales de los pobladores, que esa perenne transitoriedad de los propósitos y que esa vida siempre en desarraigo de la tierra habitada, siempre en desajuste con la sociedad sustentadora. Hombres, economías, culturas y anhelos todo aquí se sintió foráneo, provisional, cambiadizo, ‘aves de paso’ sobre el país, a su costa, a su contra y a su malgrado” (ORTIZ, 2002, p. 81).

<sup>8</sup> Ángel Rama (2004) também se dedicou ao debate sobre o conceito de transculturação. Para ele, a transculturação é uma característica das narrativas literárias no contexto da América Latina e Caribe.

base do ideário sobre a democracia racial (WADE, 2013; MALDONADO-TORRES, 2007), seria evidente a pertinência de aprofundarmos a análise sobre a concepção de Carpentier com relação à mestiçagem, com foco em sua leitura acerca da democracia racial e como tais noções foram representadas em sua obra.

Já a respeito da inserção de Amado no cenário intelectual de sua época, destaca-se que da mesma maneira que Carpentier foi influenciado por Ortiz, Amado também foi inspirado pela produção intelectual de Gilberto Freyre, a quem foi apresentado pessoalmente em 1932. Segundo Calixto (2011), a partir do lançamento de *Casa grande e senzala* (1933), no ano seguinte ao encontro, a questão racial ganhou mais ênfase na obra de Amado, sob a nítida influência do pensamento freyriano.

Para a antropóloga Ilana Goldstein (2000), ainda que o tema racial fosse uma constante na obra de Amado, sua concepção passou por mudanças ao longo do tempo, entre a fase em que estava engajado em fazer literatura proletária (1933-1954) e a fase posterior. A historiadora Lilia Schwarcz (2009) afirma que foi a partir de *Gabriela* que a defesa da democracia racial assumiu expressividade em sua obra:

[...] se Freyre foi um dos “pais da ideia” – ou ao menos aquele que a batizou –, Jorge Amado foi seu grande artista e divulgador, sobretudo a partir de meados da década de 1950, quando rompe com o stalinismo e entra em sua “fase tropical”, inaugurada em 1958 com *Gabriela, Cravo e Canela*. Em seus livros, tudo parece ter resultado da mistura: as culturas, as religiões, o sangue dos diferentes grupos, a história, as festas, as relações afetivas, a cultura popular, a culinária, as religiões. (SCHWARCZ, 2009, p. 39)

De acordo com Schwarcz (2009), Amado não foi apenas influenciado pelo pensamento freyriano de defesa da existência de uma democracia racial, ele se tornou o “grande artista e divulgador” de tal concepção que entendia o Brasil como sinônimo de um paraíso racial, e *Gabriela* teria sido um grande estandarte para a divulgação dessa representação.

Portanto a materialização do discurso sobre a democracia racial e a identidade nacional teria se consolidado no imaginário social brasileiro a partir da figura de uma mulher mulata e não por meio da imagem de um homem mestiço, como se deu em outros contextos (GUTIÉRREZ, 2010). Em Cuba ocorreu um fenômeno muito semelhante: a figura da mulata foi edificada como ícone da cubanidade no começo do século XX, por meio da literatura, das poesias e das canções (BLANCO, 2006).

Nesse sentido, demonstra-se necessário problematizar qual a representação simbólica historicamente construída sobre a figura da mulata nessas duas sociedades. No que diz respeito ao cenário cubano, Melissa Blanco (2006) afirma que a figura da mulata foi

convertida em entidade cobiçada em Cuba com a proliferação de sua representação no imaginário social desde meados do século XIX. Contudo sua imagem teria sido pautada por meio de noções fetichistas, mediadas pelos sentimentos contraditórios de desejo e repulsa, pois simbolicamente:

Su cuerpo esconde el deseo de una nación que quiere borrar su historia violenta de esclavitud, racismo y subyugación porque es a través de su cuerpo donde las dos razas parecen unirse en una supuesta armonía. Sin embargo, su cuerpo nunca será un nepente inofensivo. Por el contrario, su cuerpo enfatiza las prácticas patriarcales que borran a su madre negra, rechazan su parto doloroso, resaltan la violencia de la esclavitud que trajo a su madre a Cuba, y transforman ese mismo cuerpo en un objeto de deseo, lo vil. Su cuerpo se convierte en un territorio donde el hombre blanco y negro luchan por sus aspiraciones para poseerlo, dominarlo, o hasta privarlo de derechos. (BLANCO, 2006, p. 84)

Dessa maneira, mais do que ocupar uma posição estratégica para o projeto de branqueamento<sup>9</sup> – com a possibilidade de oferecer filhos mais claros à nação, de acordo com a escala da pigmentocracia<sup>10</sup> – a figura da mulata corporificava os signos de poder e opressão vigentes desde o período escravista, exatamente porque era seu produto direto. Assim, o discurso ambíguo de atração e repulsa, tal como a fetichização, demonstrava os valores subalternizados que seu corpo simbolizava.

No Brasil não foi diferente. Segundo Corrêa (1996), a representação da mulata também foi marcada pela ênfase na sexualidade, figurando a partir de referências contraditórias de desejo e aversão. Assim, em Cuba e no Brasil a figura da mulata representou com primazia a disputa dos parâmetros de civilização e barbárie presentes no debate intelectual sobre a construção da identidade nacional. Dominar o corpo e a sexualidade das mulatas, por meio das relações inter-raciais, simbolizou a tensão entre encaminhar essas nações em direção ao progresso (branquitude) ou ao retrocesso (negritude).

<sup>9</sup> Desse modo, revelando a persistência do imaginário de “miedo al negro”, o projeto político de branqueamento da população foi colocado em prática por meio do incentivo à imigração europeia. Entre 1880 e 1930, viajaram para Cuba mais de um milhão de espanhóis, um quarto deles decidiu estabelecer-se permanentemente na ilha (BARCIA, 2001). Apesar disso e, ainda que a imigração europeia e a defesa do ideário de miscigenação tenham contribuído para o decréscimo do contingente da população negra, na década de 1920 se fez evidente que Cuba não seria uma nação branca (FERNÁNDEZ, 2012, p. 62).

<sup>10</sup> O antropólogo José Jorge de Carvalho ([20--?], p. 5) define a pigmentocracia como um sistema hierárquico de classificação social: “Quanto mais se intensificou o colonialismo europeu nos demais continentes do mundo, mais intenso foi ficando o racismo dos brancos contra os não-brancos. O imaginário racista que nos interpela terminou por estabilizar uma hierarquia dos seres humanos que colocou no topo da pirâmide os homens brancos, de pele clara, olhos preferencialmente claros e cabelos preferencialmente loiros. Em cada região do mundo dominada pelos europeus (e, no século XX, também pelos Estados Unidos) foi gerada uma pigmentocracia entre os não-brancos: quanto mais claros (ou menos escuros) de pele, menos discriminados; e, quanto mais escuros, mais facilmente situados na parte inferior da hierarquia dos seres humanos e, portanto, mais discriminados, excluídos e passíveis de serem eliminados da face da terra”.



Exatamente por corporificar os conflitos de gênero e raça existentes nessas duas sociedades, as mulatas foram alvo de discursos com representações acerca de um suposto desenfreamento sexual e descontrole emocional. Tal simbolismo está presente no ditado popular que circulava em Cuba durante o século XIX, que dizia: “no hay tamarindo dulce ni mulata señorita” (STOLCKE, 2006, p. 38). Esse ditado evidencia a construção de uma representação estereotipada sobre a sexualidade das mulatas, tal como revela a construção de uma justificativa moral para os crimes sexuais cometidos historicamente contra as mulheres negras. No contexto brasileiro durante o período colonial circulava outro ditado com aspectos discursivos semelhantes, nitidamente marcado pela lógica da pigmentocracia: “Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar” (FREYRE, 2006, p. 72).

Ou seja, tais ditados evidenciam os códigos subalternos associados à figura das mulheres negras e mulatas nos dois países durante o período colonial. Esses discursos indicam que tal representação foi edificada por um quadro codificado por concepções essencialistas que as representaram como um atrofiado símbolo sexual. Para bell hooks<sup>11</sup> (2003), nas sociedades com histórico colonial e escravista a figura da mulata é articulada de acordo com

la mitología sexual/racista, es la encarnación de lo mejor de la salvaje hembra negra, temperado por aquellos elementos de blancura que suavizan esa imagen, dándole un aura de virtud y inocencia. En la imaginación pornográfica racializada, es la combinación perfecta de virgen y puta la suprema vampiresa. (hooks, 2003, p. 43)

Assim, a imagem da mulata tende a ser “mais bem” aceita do que a figura da mulher negra retinta, pois o imaginário social classifica o fenótipo negroide como esteticamente inadequado e como sinônimo de inferioridade. Mas essa suposta aceitação configura-se como um jogo entre repulsa e atração, desejo e controle de seu corpo, o que legitima a articulação de leituras estanques que coisificam a figura das mulatas como seres altamente sexualizados e disponíveis nesse sentido, como fica aparente na narrativa de diferentes autores no campo da literatura, tanto em Cuba (SANTOS, 2016; UXÓ, 2010), como no Brasil (JÚNIOR, 1982).

Após o término do período colonial, já no começo do século XX, as mulatas foram transformadas em símbolo da identidade nacional em Cuba e no Brasil (CORRÊA, 1996; BLANCO, 2006). No caso de Cuba, Leclercq (2004) afirma que a mulata foi consolidada

<sup>11</sup> bell hooks é o pseudônimo utilizado pela intelectual negra Gloria Jean Watkins, como uma homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó. Como um posicionamento político o pseudônimo é grafado em letras minúsculas, pois bell hooks acredita que nomes e títulos não devem ter mais valor do que as ideias.

como referência simbólica da unidade nacional da ilha. Contudo, mesmo com essa transição discursiva, essencial para a construção dos repertórios sobre a existência de harmonia racial, se manteve a perspectiva ambígua a respeito da imagem das mulatas. A produção cultural – inclusive a literatura – evidenciou tal apropriação de sua figura (JÚNIOR, 1982; SANTOS, 2016; UXÓ, 2010).

Como já mencionamos, tanto Amado como Carpentier atribuíram destaque a personagens de mulatas nas duas obras analisadas. O primeiro adjetivou a personagem de *Gabriela* por meio de características corporais e associações a alimentos e especiarias, como seu cheiro de cravo, sua pele cor de canela e a boca cor de pitanga (AMADO, 2008). Ao longo do livro suas características físicas e a ênfase em sua beleza são “retomadas com insistência e minúcia, numa aprofundada afirmação de sua irresistibilidade” (JÚNIOR, 1982, p. 60). Ou seja, dando sequência a concepções vigentes desde o período colonial, a narrativa de Amado confere ênfase à sexualidade da personagem; leitores e leitoras são direcionados a conhecer partes erógenas do corpo de Gabriela, a partir de um “olhar mutilador”<sup>12</sup> (hooks, 2003).

Mas, segundo Júnior (1982), a construção da imagem da protagonista de Amado por meio de referências sexualizadas não configura uma exceção, isso faz parte de uma espécie de tradição que compõe a representação das mulatas na literatura brasileira. Na maioria das obras, bem como no caso de *Gabriela*, a mulata “mostra-se amoral, ser irresponsável e impudica” (JÚNIOR, 1982, p. 63).

No que diz respeito à obra de Carpentier (1988), para Torres-Rosado (1990) a mulata Longina – por quem o protagonista (Menegildo) se apaixona – “encarna el concepto de femme fatal” (p. 26). No entanto, para além da representação da mulata, existem outros aspectos que merecem destaque em *Écue-Yamba-Ó* no sentido da reflexão sobre a construção dos discursos sobre a racialidade em Cuba, como a nítida oposição traçada entre a população negra cubana e estrangeira, em particular, haitianos e jamaicanos.

Para Ruiz-Tresgallo (2013, p. 149),

<sup>12</sup> Segundo hooks (2003), ainda que as representações contemporâneas não estimem o corpo das mulheres negras como signo de inferioridade racial “natural”, tanto quanto outrora, a partir da construção de um olhar mutilador persiste a fascinação por partes específicas de seu corpo, a exemplo das nádegas. A iconografia sexual configurou a imagem de que as nádegas grandes das mulheres negras são uma indicação da existência de sua volúpia sexual. Assim, o olhar mutilador não se edifica “para mirarla como un ser humano entero, sino para notar solamente ciertas partes. Objetificadas de una manera similar a la de las esclavas negras que estaban paradas en plataformas de subastas mientras los dueños y los mayores describían sus partes importantes, vendibles” (p. 31).

Carpentier expone un discurso discriminador, basado en la otredad y la subalternidad, en la representación de los otros dos grupos negros que aparecen en la novela: los jamaquinos y especialmente los haitianos. Esta discriminación tiene lugar desde el punto de vista físico-biológico, socio-económico, intelectual y religioso. Para el escritor caribeño, ambos grupos extranjeros invaden el territorio cubano. Conforman una "nueva plaga" [...].

Nesse sentido, o objetivo de Carpentier de incorporar a população negra cubana ao novo projeto nacional a partir da valorização de seus atributos físicos, culturais e religiosos, historicamente rechaçados, cai por terra ao utilizar-se dos mesmos mecanismos simbólicos (como o sistema religioso e cultural) para classificar jamaicanos e haitianos negros como inferiores. São utilizados os mesmos estereótipos racistas, formulados pelo discurso colonial contra a população negra em Cuba e em outras colônias, como a animalização, a feminização e a selvageria (RUIZ-TRESGALLO, 2013). Ao construir esse paradoxo, Carpentier demonstra que a ambiguidade que permeia os discursos sobre a mestiçagem e a democracia racial não se faz presente apenas nas narrativas sobre as mulatas, mas também engloba outros grupos,<sup>13</sup> evidenciando que a dita harmonia racial não passa de um repertório discursivo, ainda muito distante da prática social.

### Considerações finais

Amado e Carpentier estavam inseridos no movimento literário de seus respectivos países, ao mesmo tempo que estavam em contato com os debates presentes na esfera política e intelectual. Isso se coloca devido à interligação dos campos da política e da cultura (SIRINELLI, 1996), tal como os discursos sobre a identidade nacional e a democracia racial.

A construção de narrativas romantizadas acerca do fenômeno da mestiçagem, ignorando expressões de conflito e opressão que o acompanharam historicamente, já indica uma possível concordância com os argumentos de defesa da noção de uma democracia racial consolidada. Tal concepção, ao conferir ênfase aos aspectos harmônicos da interação entre os diferentes grupos raciais em Cuba e no Brasil, invisibilizou as tensões e práticas de

<sup>13</sup> Segundo as considerações de Ruiz-Tresgallo (2013), o paradoxo revelado está relacionado, antes de mais nada, com as bases de apoio da obra: "Alejo Carpentier escribe su primera novela dentro del marco del negrismo literario, movimiento vinculado al hibridismo. El término hibridismo es acuñado en Europa y alude a la mezcla de distintas razas. En Latinoamérica esta mezcla biológica va unida al concepto de mulatez y mestizaje, lo que implica también la transculturación y el sincretismo. Sin embargo, la convivencia y la unión de un grupo racial con otro no siempre se establece en condiciones de igualdad. Carpentier quiere exponer en esta obra los valores del negro, sus herencias y tradiciones, para incorporarlos al discurso nacional. Sin embargo expone una imagen despectiva de los otros dos grupos negros antillanos que aparecen en la novela: los jamaquinos y los haitianos" (p. 156).

violência que recaíram especialmente sobre a figura das mulheres negras e mulatas, que ocuparam uma condição ambígua de ícone sexual no imaginário social, instituído simultaneamente por representações de atração e repulsa (BLANCO, 2006; CORRÊA, 1996).

A utilização da figura da mulata como símbolo da mulher brasileira e cubana, bem como da própria identidade nacional, partindo de representações subalternas, demonstra que essas sociedades estão marcadas por nítidas hierarquias sociais, balizadas de modo estrutural pelos marcadores de gênero, raça e sexualidade, por isso tais assimetrias foram centrais para a constituição dos discursos sobre a racialidade em Cuba e no Brasil.

## Referências

- AMADO, J. *Gabriela, cravo e canela*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARÉVALOS, J. A. M. *Epifanía de la mulatez*. Historia y poesía. Havana: Fundación Fernando Ortiz, 2015. p. 9-27. Prólogo.
- ARROYO, J. *Travestimos culturales*. Literatura y etnografía en Cuba y Brasil. Pittsburgh: Universidad Pittsburgh, 2003.
- BACZKÓ, B. Imaginação social. In: ROMANO, R. (Org.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. p. 296-332. Vol. 5.
- BARCIA, M. del C. Z. Un modelo de inmigración 'favorecida': el traslado masivo de españoles a Cuba (1880-1930). *Revista Catauro*, Havana, ano 2, n. 4, p. 16-59, 2001.
- BLANCO, M. El ritmo del azúcar. Una epistemología de la mulata cubana. In: OCHOA, M. L. F. *¡Ay, qué rico! El sexo en la cultura y la literatura cubana*. 2. ed. Valencia: Advana Vieja, 2006. p. 83-94.
- CALIXTO, C. F. *Jorge Amado: diálogos político-culturais e identidade nacional*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- CARPENTIER, A. *Écue-Yamba-Ó*. Tradução Mustafa Yazbek. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CARPENTIER, A. Lo barroco y lo real maravilloso. In: HERNÁNDEZ, R.; ROJAS, R. *Ensayo cubano del siglo XX*. México (D. F.): Fondo de Cultura Económica, 2002. p. 333-356.
- CARVALHO, J. J. Racismo fenotípico e estéticas da segunda pele. *Revista Cinética*. Disponível em: <[http://www.revistacinetica.com.br/cep/jose\\_jorge.pdf](http://www.revistacinetica.com.br/cep/jose_jorge.pdf)>. Acesso: mar. 2013.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- CORRÊA, M. Sobre a invenção da mulata. *Cadernos Pagu*, n. 6-7, p. 35-50, 1996.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

- CUBAS, P. A. H. *O Brasil e Cuba, 1889/1902-1929: o debate intelectual sobre as relações raciais*. 2011. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- DE LA FUENTE, A. *Una nación para todos*. Raza, desigualdad y política en Cuba 1900-2000. Madrid: Editorial Colibrí, 2001.
- DOMINGUES, P. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). *Diálogos Latino-americanos*, Aarhus, n. 10, p. 115-131, 2005.
- FERNANDES, F. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difel, 1972.
- FERNÁNDEZ, N. Raza y revolución: parejas interraciales y cambio generacional. *Revista Temas*, Havana, n. 70, p. 61-68, abr./jun. 2012.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I*. A vontade do saber. São Paulo: Graal, 2010.
- FREYRE, G. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.
- GOLDSTEIN, I. S. *O Brasil best-seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional*. São Paulo: SENAC, 2000.
- GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, p. 223-244, 1984.
- GUIMARÃES, A. S. A. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 61, p. 147-162, nov. 2001.
- GUTIÉRREZ, H. Exaltación del metizo. La invención del roto chileno. *Revista Universum*, Universidad de Talca, n. 25, v. 1, p. 122 -139, 2010.
- HANCHARD, M. Fazendo a exceção: narrativas de igualdade racial no Brasil, no México e em Cuba. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 28, p. 203-217, out. 1995.
- hooks, b. Vendiendo bollitos calientes. Representaciones de la sexualidad femenina negra. *Revista Criterios*, n. 34, p. 29-49, 2003.
- JÚNIOR, T. Q. Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira. São Paulo: Ática, 1982.
- LECLERCQ, C. *El lagarto en busca de una identidad*. Cuba: identidad nacional y mestizaje. Madrid: Iberoamericana, 2004.
- MALDONADO-TORRES, N. Del mito de la democracia racial a la descolonización del poder, del ser, y del conocer. 2007. Disponível em: <<https://globalstudies.trinity.duke.edu/sites/globalstudies.trinity.duke.edu/files/file-attachments/DelMito.pdf>>. Acesso em: fev. 2016.

- MARTÍNEZ-ECHAZÁBAL, L. O culturalismo dos anos 30 no Brasil e na América Latina: deslocamento retórico ou mudança conceitual? In: MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (Orgs.). *Raça, ciência e sociedade* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCBB, 1996. p. 107-124.
- MIAMPIKA, L-W. Ficción y mitos de origen africano en "Écue-Yamba-Ó" y "El Reino de este mundo". *Estudios de Historia Social y Económica de América*, n. 15, p. 309-328, 1997.
- MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- OLIVEIRA, E. D. R. *Gilberto Freyre e Fernando Ortiz: cultura, identidade nacional e história (1906-1948)*. 2012. 231 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.
- ORTIZ, F. Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar. Havana: Ed. Ciencias, s/d.
- ORTIZ, F. Los factores humanos de la cubanidad. In: HERNÁNDEZ, R.; ROJAS, R. *Ensayo cubano del siglo XX*. México (D. F.): Fondo de Cultura Económica, 2002. p. 74-99.
- ORTIZ, M. S. El mestizaje como identidad latinoamericana en el recurso del método de Alejo Carpentier. *Revista de Filología y Lingüística de la Universidad de Costa Rica*, v. 15, n. 1, p. 15-30, 1989.
- PESAVENTO, S. J. *História e história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- PINO, J. C. Fernando Ortiz y Gilberto Freyre: Racismo, democracia racial revolución. *Estudios - Revista de Investigaciones Literarias y Culturales*, ano 10, n. 19, p. 73-89, jan./jul. 2002.
- PUPPO, J. d'A. M. A construção da subjetividade feminina brasileira em "Gabriela, cravo e canela" na passagem do séc. XIX para o séc. XX. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 31, n. 2, p. 115-131, jul./dez. 2009.
- RAMA, Á. *Transculturación narrativa en América Latina*. Madrid: Siglo XXI, 2004.
- RUIZ-TRESCALLO, S. Hibridismo, ambigüedad y contradicción en la representación del afroantillano en Écue-Yamba-Ó de Alejo Carpentier. *Afro-Hispanic Review*, v. 32, n. 1, p. 143-158, spring 2013.
- SANTOS, G. dos A. *A participação das mulheres no Estado socialista cubano (1959 a 1980)*. 2009. (Pesquisa de Iniciação Científica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- SANTOS, G. dos A. A representação da mulata no imaginário social cubano. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 21, p. 90-124, jul./dez. 2016. ISSN 1679-1061.
- SANTOS, G. dos A. *Mulheres negras em Cuba: representações sociais em tempos de crise (1990-2012)*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

- SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SCHWARCZ, L. M. O artista da mestiçagem. In: GOLDSTEIN, I. S.; SCHWARCZ, L. M. *Caderno de leituras: o universo de Jorge Amado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 34-45.
- SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
- SIRINELLI, J.-F. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 1996.
- STOLCKE, V. O enigma das intersecções: classe, “raça”, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 15-42, jan./abr. 2006.
- STOLCKE, V. Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade? *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 20, p. 101-119, 1991.
- THELEN, D. Replanteamiento de la historia desde una perspectiva transnacional. In: AZUELA, A.; PALACIOS, G. (Coord.). *La mirada: transculturalidad e imaginarios del México revolucionario, 1910-1945*. México: El Colegio de México. p. 299-309.
- TORRES-ROSADO, S. *Visión de la mujer en las novelas de Alejo Carpentier*. Los Angeles: University of California, 1990.
- UXÓ, C. *Representaciones del personaje del negro en la narrativa cubana*. Una perspectiva desde los estudios subalternos. Madrid: Verbum, 2010.
- ZURBANO, R. El triángulo invisible del siglo XX cubano: raza, literatura y nación. *Revista Temas*, Havana, n. 46, p. 111-123, 2006.
- WADE, P. Racismo, democracia racial, mestizaje y relaciones de sexo/género. *Tábula Rasa*, Bogotá, n. 18, p. 45-74, jan./jun. 2013.

